

A temporalidade da modernidade tardia como desafio para a educação

Helmut Renders¹

Resumo: A modernidade tardia é caracterizada por processos da aceleração tecnológica das mudanças sociais e do tempo ou ritmo de vida. Estas transformações das estruturas temporais levam a uma reestruturação da vida, do processo de formação de identidade e subjetividade, da relação do ser humano com o mundo e da sua percepção do processo da história e da sua inserção no mesmo. O artigo explora esses efeitos nas suas dimensões antropológicas como desafio pela educação.

Palavras Chave: aceleração do tempo; aceleração de mudanças sociais; aceleração do ritmo de vida; antropologia; educação.

Abstract: The late modernity is characterized by processes of technological acceleration, acceleration of social change and the acceleration of time or rhythm of life. These transformations of temporal structures lead to a restructuring of life, the process of identity formation and subjectivity, of human relations with the world and their perceptions of history and its insertion in the same. The article explores these effects in their anthropological dimensions and as a challenge for education.

Keywords: acceleration of time; acceleration of social change; acceleration of the rhythm of life; anthropology; education.

Introdução

Na fase transitória da modernidade para a modernidade tardia ou pós-modernidade, cobra a sociedade do[a] educador[a] em sala de aula, de forma intensa, uma educação à altura da época. Em primeiro lugar, concentra-se esta demanda em aspectos de comportamento geral – ser um ser humano sociável, manter-se longe da confusão, não cair nas drogas, ser disciplinado e pontual – e competências tecnológicas ou técnicas para dominar saberes considerados úteis em relação ao exercício de uma profissão – valorizar as ciências exatas, as línguas estrangeiras, o acesso a computadores etc.

Pouco se discute, porém, que tanto as demandas quanto as competências tecnológicas como comportamentos sociais enfrentam um desafio impactante, o processo da aceleração do tempo. Ele é vivenciado em nosso cotidiano justamente como aceleração tecnológica, de mudanças sociais e do tempo ou ritmo de vida. As respostas a este fenômeno são diversas, desde o oferecimento de cursos tecnológicos, como a criação da ideia de uma formação contínua como no nível comportamental², em outras palavras, ele atinge justamente as duas áreas centrais das demandas acima mencionadas.

Acreditamos que em geral estes processos de aceleração são considerados algo natural que pertencem a nossa vida (moderna) com que se deve aprender a lidar e à qual, em última instância, precisa se submeter. Daí a demanda às escolas, tanto pela sociedade como pelos pais – muitas vezes perdidos – de uma formação que dê conta das demandas dos nossos dias, especialmente, porque as famílias e os próprios jovens se sentem de uma forma crescente incapazes de entender a situação como um todo e reagir a ela de forma adequada.

¹ Doutor em Ciências da Religião pela Umesp e estágio de Pós-doutorado em Ciência da Religião na UFJF. Coordenador do Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião da Umesp.

² Veja-se, por exemplo, a forma como José Sterza Justo (2005, p. 61-77) em seu artigo “O ‘ficar’ na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade” se relaciona com o tema proposto.

Neste artigo partimos da ideia de que estas mudanças representam de fato uma transformação das estruturas temporais do cotidiano. Isso resulta em uma reestruturação da vida, do processo de formação de identidade e subjetividade, da relação do ser humano com o mundo e da sua percepção do processo da história e da sua inserção no mesmo. Estamos convencidos de que esta temporalidade da modernidade tardia³ está modificando - intensa e intimamente - o ser humano, ou seja, que ela o afeta em uma profundidade que se torna parte da sua essência. Em outras palavras, trata-se de um assunto antropológico que articula nada menos do que um processo de transformação do próprio ser humano, com implicações imensas para a educação.

1. O fenômeno da aceleração do tempo e seus efeitos no cotidiano

Criamos máquinas que aceleram o Tempo objetivo numa velocidade cada vez mais alucinante, uma velocidade que despreza até mesmo nossa capacidade de apreendê-la, talvez para que possamos vislumbrar a eternidade científica de modo quase religioso antes da nossa morte (PELEGRINI, 2002, p. 226)

O assunto da aceleração do tempo apareceu na segunda metade do século 20 e ganhou fôlego na virada do milênio (FLUSSER, 1962, apud PELEGRINI, 2002; ATTALI, 1982, ELIAS, 1990, ROSA, 2005), sendo por Rosa (2005) tido por tão essencial para entender a modernidade e modernidade tardia que isso requereria uma reformulação da teoria crítica, sendo “o objetivo central não somente da teoria crítica em si, mas da filosofia social em geral, a identificação de patologias sociais” e o “real sofrimento humano o ponto de partida normativo-adequado para os[as] teóricos críticos” (ROSA, 2013, p. 71). Segundo o autor, “podem e devem ser identificadas e criticadas aquelas circunstâncias que minam a capacidade da autodeterminação e erodem o potencial para o exercício da autonomia, porque impedem sistematicamente o ser humano de realizar a sua ideia do bem.” (ROSA, 2013, p. 74). Ou, com as palavras de Pelegrini (2002, p. 1) “A velocidade das transformações técnicas para a mídia eletroeletrônica impõe uma brutal aceleração do tempo”.

De fato, trata-se ainda mais do registro de um fenômeno altamente relevante, sem ter alcançado o nível e a densidade de uma “nova teoria crítica” ou de um dos seus aspectos essenciais. Por outro lado, requer o fenômeno a nossa atenção, por modificar não somente certos aspectos da vida econômica ou tecnológica, como as áreas da comunicação, mas, também do transporte, os ciclos de renovação no mundo do consumo etc. Concordamos com Rosa que é interessante estudar o fenômeno para além das questões da aceleração tecnológica, também como a aceleração das mudanças sociais e do tempo – ritmo – da vida (ROSA, 2013, p. p. 20-31).

Aceleração tecnológica

A aceleração tecnológica é imediatamente evidente em nosso cotidiano nas áreas do transporte (mercadorias e pessoas), da comunicação (ou seja, na área do transporte de informação), da produção (a produtividade do trabalho e sempre atomizada) e da administração (escrita; datilografia; digitação). Estas tendências acompanham uma aceleração da produção de conhecimento técnico e acadêmico (dobra a cada 10 anos). Basicamente, ocorreram mudanças sérias (invenção da roda, invenção da escrita, invenção da impressão gráfica, invenção dos instrumentos óticos, invenção dos computadores) em ciclos cada vez mais rápidos: ao longo do tempo acelera o aumento da densidade e complexidade de aparelhos, depois da Renascença,

³ O foco na temporalidade nos faz acreditar mais em uma continuidade do que em um rompimento total entre nossos tempos atuais e a modernidade propriamente dita.

o desaparecimento do modelo do gênio universal, logo em seguida ocorreu a divisão dos campos de saber em um grau nunca conhecido de especialização.

Aceleração das mudanças sociais

O impacto da aceleração do tempo no mundo de trabalho e na esfera familiar é significativo. Na pré-modernidade a fidelidade profissional era uma obrigação. Em geral, as pessoas ficavam na profissão dos seus pais e mudanças eram um sinal de crise (guerra, morte, perda da terra). Na modernidade abre-se a possibilidade de mudanças entre as gerações, fato que ocorreu ao longo do tempo, com mais frequência. O elemento da escolha também mudou os casamentos: antes a escolha era do pai ou da família, mas na modernidade surge o elemento romântico como escolha dos pares, o que não deixa de ser também uma escolha da nova geração quanto ao seu destino de afeto e procriação. Se até uma boa parte da própria modernidade a dificuldade senão a impossibilidade de tomar decisões próprias desafiou a maioria dos seres humanos nas sociedades ocidentais, estamos diante do quadro oposto: a imensidão de possibilidades desmobiliza, porque ninguém é mais capaz de calcular - somente de forma aproximada - as respectivas opções e consequências. Isso afeta cada dia mais as pessoas no cotidiano, por exemplo, nas escolhas da carreira profissional de um curso universitário etc.

Aceleração do tempo – ritmo – da vida

As mudanças sociais não afetam “somente” aspectos formais, mas o fato objetivo da aceleração do tempo afeta também a noção subjetiva da mesma, que pode ser resumida na frase “Eu não tenho tempo”, “eu não tenho tempo para nada”, “eu não posso perder tempo com isso”. Estas afirmações articulam uma noção de não dar conta ou somente dar conta das demandas do cotidiano sacrificando certas áreas essenciais da vida: a convivência familiar ou entre os próprios colegas no posto de trabalho. O medo geral de “cair fora” se não respondermos a demanda da aceleração proposta pela tecnologia, por exemplo, da comunicação, é evidente em nossa cultura. Evidente é também que a aceleração de processos não criou novos espaços para outras atividades, por exemplo, de lazer, recreio ou uma reciclagem profissional.

A crescente autonomia dos processos de aceleração

Rosa alerta que as três expressões da aceleração social compõem “... um sistema automovente, que não depende de motores propulsores externos. As três categorias distintas – a aceleração tecnológica, a aceleração da mudança social e a aceleração do tempo / ritmo de vida; criaram um sistema de ‘feedback’ que se propulsa ininterruptamente” (ROSA, 2013, p. 41-42). A aceleração não segue mais ciclos economicamente ou socialmente sustentáveis e aparentemente se esforça cada vez menos em sinalizar esta pretensão. A crescente aceleração acaba finalmente até por desvalorizar os próprios avanços, fica a inovação pela inovação, a novidade pela novidade (alguém pode listar as últimas cinco modificações de xampu e a razão delas?).

2. As dimensões antropológicas da aceleração do tempo

“Apesar de todas as limitações e aberrações, na sociedade atual seria possível fazer um uso mais participativo e emancipador do tempo” (GARCIA, 2001).

Neste tópico pretendemos discutir alguns aspectos da dimensão antropológica do fenômeno da aceleração do tempo. Distinguimos entre a percepção humana do fenômeno no cotidiano, a sua capacidade de ser “acelerado”, e os seus supostos limites de abraçar o fenômeno na sua atual dimensão.

A percepção dos processos da aceleração como fenômeno “natural”

No nível pessoal responde-se, em geral ao fenômeno da aceleração do tempo, com frases ou noções do tipo: “Estou sem tempo”, “Não tenho tempo para nada”, “Ainda não posso fazer aquilo”. Parece que as demandas da renovação tecnológica, a exigência em relação à flexibilidade social (“Você pode mudar de cidade?”, “Você pode mudar seu horário de trabalho?”) e do tempo da vida são considerados inquestionáveis e que grupos de resistência são entendidos como atrasados ou até “fundamentalistas”⁴. Rosa (2013, p. 111) alerta que:

As normas temporais se distinguem em um ponto fundamental das normas morais, políticas ou religiosas de outros tempos ou culturas: apesar de que elas sejam, sem dúvida nenhuma, construídas socialmente, não há nenhum ethos com qual elas se vestem, nem sequer elas parecem ser normas políticas. Em vez disso funcionam como fatos brutos, leis naturais que não podem ser colocadas em questão nem discutidas.

Isso explica as reações pessoais. Se as normas temporais funcionam como leis naturais, o indivíduo fica com a tarefa de se adequar ao seu ditame ou “cair fora” do mundo que elas organizam e promovem. Dentro desse quadro pode ser visto todo discurso a respeito da necessidade de competitividade entre pessoas, estados e nações para garantir a sobrevivência dos mesmos em relação aos outros. Esta lógica é, em suas últimas consequências, exclusivista e excludente, não se permite a discussão por parecer contra as leis não somente do mercado, mas, da própria natureza. Perdeu-se de forma ampla a percepção da sua construção econômico-política e social-ideológica.

Dessa forma integrada na percepção do mundo e do nosso estar-no-mundo, resta somente a desesperada tentativa do seu cumprimento.

O ser humano, como ser aberto, diante dos processos da aceleração do tempo

Garcia (2001) afirmou que a “ordem cultural do tempo já não guarda relação alguma com os ritmos naturais do tempo” e se refere às dinâmicas de dia e noite. Experimentos russos como a criação de uma semana com dez em vez de sete dias para aumentar a produtividade parecem dar a ele razão, mas, o quadro é mais complexo. O ser humano parece ser adaptado, no mínimo, bem aos processos da aceleração ocorridos desde a época medieval e, especialmente da modernidade e modernidade tardia até a década 50, da mesma forma, como o ser humano se adaptou a muitos ambientes hostis à sua presença. Outros aspectos como a capacidade das novas gerações de fazer duas ou três coisas ao mesmo tempo, sem a necessidade de concentrar-se em uma só atividade, mostram desenvolvimentos mais recentes.

As doenças do século e os processos da aceleração do tempo

Porém, mesmo que ainda possamos esperar um certo crescimento da habilidade humana como, por exemplo, em *multitasking* – filhos já sabiam fazer isso há um bom tempo antes dos pais – parece-nos que a demanda quanto à velocidade das adaptações necessárias para acompanhar as mudanças efetivas chegaram em um ponto crítico. Estas dessincronizações acontecem em grande escala, por exemplo, entre os ritmos da renovação tecnológica, as necessidades de recursos naturais e os ciclos naturais de renovação. Acontece que o fenômeno já é percebido, porém, até hoje não somos capazes de sincronizar melhor todas as interdependências envolvidas.

⁴ Alguns/Algumas pesquisadores[as] entendem os movimentos fundamentalistas, basicamente, como movimentos de desaceleração do tempo, pela sua insistência na validade de uma temporalidade anterior a nossa. O que nós ainda não encontramos foi a exploração da distinção entre *chronos* e *kairos* na discussão.

No nível pessoal articula-se este abuso de recursos naturais, isso é no caso, psicológicas e físicas, pela síndrome de *burnout* entre altos/as executivos/as e trabalhadores/as do setor criativo e a depressão como fenômenos dos últimos cinquenta anos. Estamos em uma situação onde não estamos nos sentindo mais em casa no mundo que nós mesmos criamos. Se o século 19 era o século do desencantamento, o século 21 será o século da crescente instabilidade acompanhado por um novo tipo de desespero, do não saber como esperar algo além das realidades marcadas pelo pulso das normas ou leis temporais.

As dimensões educacionais da aceleração do tempo

A aceleração do tempo faz o presente um espaço com uma durabilidade e duração cada dia menor. Isso significa, além da instabilidade profunda que cria, promove também uma nova relação com o passado e o futuro. Observamos o desencantamento com as narrativas longas, com as instituições – que nada mais são do que organismos que garantem narrativas longas e a passagem das mesmas de geração em geração – e interpretamos a ameaça da sua validade pelos processos da aceleração. Se até a época medieval a tradição era vista como a mais importante garantia da sobrevivência, e na modernidade, a capacidade de criar o futuro; abandona-se na pós-modernidade a ideia de alimentar e construir a temporalidade a partir do passado e do futuro, apesar de que uma das suas palavras chaves – inovação – dá no primeiro momento a impressão de que esteja na tradição do espírito moderno. Mas, diferente da modernidade que se propõe construir um paraíso terrestre ou de um estado social com justiça para todos, abandona-se este projeto na pós-modernidade. Inovação se refere agora a ciclos de criação de, em termos ideais, novos produtos (como *smartphones*), na realidade em grande parte, produtos renovados (como o carro modelo Gol, que já há um bom tempo somente muda por fora, mas não por dentro).

A academia e a escola sofrem nesta situação um forte impacto. O mercado quer tecnólogos/as que se adaptem rapidamente às novas circunstâncias da produção e pessoas inovadoras capazes de alimentar os ciclos acelerados da inovação. Utopias e tradições, material essencial das ciências sociais e humanas, são vistos mais como parte de uma educação velha essencialmente; moderna, parcialmente, de fato até ainda pré-moderna; enfim, ultrapassada. Porém, é justamente nas fronteiras para com o passado e futuro, através da memória e da saudade como da esperança e utopia que o ser humano avalia a sua respectiva época. Somente assim, repara em sua tarefa de desconstruir talvez menos a modernidade do que a atual temporalidade, reconstruir a ideia de um presente - diálogo com o passado e o futuro e construir um tato do mundo mais benéfico tanto para o ser humano como para a natureza da qual ele é somente uma parte. Precisamos lidar de uma nova forma com o tempo real. Rosa (2013) tem razão: precisa-se integrar na teoria crítica o aspecto da temporalidade da modernidade tardia e, assim, digamos, precisa-se fazer este exercício também na discussão das epistemologias da época.

Por outro lado, precisa-se de uma revolução na forma da organização da educação. O antigo sistema de programas de bacharelado, mestrado e doutorado foi desenvolvido, basicamente, na transição da época medieval para a modernidade, com a sua extrema diversificação a partir dos séculos 18 e 19. Em resposta a isso, fala-se muito hoje de uma necessidade de transdisciplinariedade, em busca da superação do isolamento dos saberes entre si (e do mundo da vida). Propõe-se então trocar os cursos de bacharelado por cursos tecnológicos, isto é, cursos mais curtos que não somente levam mais diretamente ao mundo do trabalho, mas poderiam também servir como um tipo de reciclagem profissional, cursados por profissionais empregados/as. Porém, para qualquer discussão sobre o formato da educação, por exemplo, em busca da aceleração dos próprios processos educativos em resposta a aceleração da mudança

sócio-econômica, é necessário refletir onde ou em que nível se quer alocar a capacidade de discutir as epistemologias que movem o sistema do pensar e do fazer.

Considerações finais

A temporalidade da modernidade tardia representa um imenso desafio para todas as áreas do saber e do fazer. Precisa-se de um esforço interdisciplinar para explorar os entrelaçamentos quanto às áreas do conhecimento e os desdobramentos múltiplos no cotidiano das pessoas e da natureza. Ela precisa ser retirada do mundo dos fenômenos naturais, do destino do qual ninguém tem como escapar, dos mitos e deve ser vista como resultado de uma forma de cultura, de sociedade, da organização sócio-econômica, política e ideológica.

Bibliografia consultada

- ATTALI, Jacques. *Histoires du temps*. Fayard, Paris, 1982.
- AUGÉ, M. *Não lugares: introdução a uma antropologia da super modernidade*. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- ELIAS, Norbert. *Time: an essay*. Trad.: Edmund Jephcott. Blackwell, 1990.
- FLUSSER, Vilém. *Do tempo e como ele acabará*. São Paulo: OESP - Suplemento Literário, 1962.
- GARCIA, Vicente Romano. *Ordem cultural e ordem natural do tempo*. São Paulo: CISC - Centro Interdisciplinar de Semiótica, Cultura e Mídia, 2001. Disponível em: < <http://www.cisc.org.br/biblioteca/temporalidade.pdf> >. Acesso em: 10 out. 2013.
- GLEICK, James. *Faster: The acceleration of just about everything*. Pantheon, 1999, 336p [português: GLEICK, James. *A velocidade da vida moderna: acelerado o desafio de lidar com o tempo*. Rio de Janeiro. Campus, 2000].
- JONSON, Bodil. *Dez Considerações Sobre o Tempo*. José Olympio, 2004.
- JUSTO, José Sterza. “O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade”. In: *Revista do Departamento de Psicologia - UFF*, v. 17 - nº 1, p. 61-77, Jan./Jun. 2005.
- MEDEIROS, Beatriz; MONTEIRO, Marianna; MATSUMOTO, Roberta. *Tempo e performance*. Brasília: Editora de pós-graduação em arte da Universidade de Brasília, 2007.
- PELBART, Peter Pál, *O tempo não reconciliado*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- PELEGRINI, Milton. “As nossas imagens do tempo e como ele começou”. In: *Ghrebh - Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia*, São Paulo, vol. 1, n. 1, p. 2020-229 (out. 2002).
- ROSA, Hartmut. *Beschleunigung und Entfremdung*. Berlin: Suhrkamp, 2013.
- ROSA, Hartmut. *Beschleunigung*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2005.
- ROSA, Hartmut. *Weltbeziehungen im Zeitalter der Beschleunigung*. Berlin: Suhrkamp, 2012.
- SOUSA, Clarilza Prado de. “Limites e possibilidades dos programas de aceleração de aprendizagem”. In: *Cadernos de Pesquisa*, n. 108, p. 81-109 (nov. 1999).

Recebido para publicação em 09-10-13; aceito em 13-11-13